

ESCREVER NO COTIDIANO... ALGUMAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO

*Eliane Porto Di Nucci**

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo descrever e analisar as práticas de letramento relacionadas à escrita, de jovens alunos da 3ª série do Ensino Médio, de uma escola da rede pública estadual, da cidade de Campinas - SP. Os dados foram coletados através de um questionário composto por 18 práticas de escrita, presentes no cotidiano. Os resultados mostram que elaborar cartas (86,7%; F=26) e bilhetes (70,0%; F=21) e anotar na agenda (73,3%; F=22) são as práticas mais frequentes no cotidiano desses jovens. Entre as práticas menos frequentes destacam-se redigir telegramas (33,3%; F=11) e ofícios (36,7%; F=10). Conclui-se que esses jovens possuem a escrita como uma prática bastante presente no cotidiano, o que parece favorecer a inserção social e cultural do indivíduo.

Palavras-chave: Letramento; Escrita; Ensino Médio.

ABSTRACT

This research has the objective to describe and analyze literacy practices related to writing for 3rd degree high school students from a public school in Campinas, SP. Data were collected through a questionnaire with 18 writing practices which are present in their everyday life. The results show that preparing letters (86.7%; F=26) and notes (70.0%; F=21) and writing down in a memorandum book (73.3%; F=22) are the most frequent writing practices in their everyday life. Among the least ones are: telegrams (33.3%; F=11) and official letters (36.7%; F=10). We can conclude that these students do have writing as a practice pretty much present in their everyday life and this seems to support the person's social and cultural insertion.

Key-words: Literacy; Writing; High School.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a escrita surgiu há 5.000 anos como código de representação simbólica do pensamento, firmando-se como meio para difundir idéias. Lentamente, o processo de difusão e adoção dos sistemas escritos foi sendo adotado pelas sociedades antigas, sofrendo continuamente influências de fatores políticos e econômicos. Dessa forma, os sistemas escritos surgiram como resultados das relações de poder e dominação existentes nas sociedades, pois, durante muitos séculos, principalmente no Oriente, a escrita significava o poder dos burocratas e dos

* Doutora em Educação - Unicamp. Docente da Universidade São Francisco e docente da Faculdade de Psicologia Padre Anchieta.

religiosos, pois os ideogramas eram barreiras que impediam o cidadão comum de ler e de escrever e, conseqüentemente, de participar ativamente da sociedade.

A escrita, enquanto sinais gráficos representando sons da fala, foi desenvolvida na Grécia por volta do século VII a.C. Inicialmente, não ocorreram mudanças decorrentes da cultura oral daquela sociedade, visto que a difusão de um sistema escrito é lenta e gradativa. Por esta razão, somente nos séculos V e VII a.C. a Grécia foi reconhecida como sociedade letrada, ou seja, como uma sociedade que utilizava não apenas a oralidade, mas também a escrita como formas de comunicação. Com as mudanças sociais, políticas e culturais e a formalização da história e da lógica como disciplinas intelectuais, houve a solidificação e a expansão da escrita nesta sociedade (Tfouni, 1995).

Assim, a escrita proporcionou um impulso à estruturação do sistema social, o qual passou a demandar o uso da escrita em diferentes situações cotidianas. Este uso social da escrita favoreceu a explicitação de normas cultas que até então estavam presentes na oralidade e eram esquecidas ou modificadas de acordo com a relevância social dos conteúdos transmitidos oralmente. Com a presença da escrita, aumentaram as possibilidades de ação social, viabilizando as relações comunicativas entre os membros da sociedade e entre grupos sociais (Ribeiro, 1999).

É fato que, no Oriente antigo, o uso da escrita foi um marco histórico-social que desencadeou transformações para tornar uma sociedade em um meio letrado. Este fato também ocorreu no Ocidente, sendo a história do uso da escrita e da alfabetização considerada como uma história descontínua, uma história de contradições associada às relações de poder e dominação.

Atualmente, a escrita permeia quase todas as práticas sociais dos povos em que penetrou. Até mesmo os indivíduos não alfabetizados, em sociedades letradas, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar de letramento, isto é, um processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional.

É fato que a alfabetização e a escolarização têm uma presença marcante na história das sociedades industriais que exigiam a leitura e a escrita como meios para melhorar a qualidade de vida e a produtividade no trabalho. Assim, a alfabetização foi marcada pelo domínio do código escrito, embora nem todas as pessoas inseridas socialmente dominem esse código. O domínio do código alfabético caracteriza o indivíduo alfabetizado e, portanto, aquele que não possui o domínio do código é considerado como analfabeto.

Assim, ser analfabeto significa não dispor da tecnologia de ler e de escrever; significa ser o indivíduo que não tem acesso à maioria dos bens culturais de uma sociedade letrada, o que, historicamente, foi atrelado à alfabetização (Soares, 1998).

O poder da alfabetização, juntamente com o processo de escolarização, sempre esteve presente, principalmente com o desenvolvimento econômico e social. No entanto, à medida que novas condições sociais demandam o uso da escrita e à

medida que a sociedade torna-se cada vez mais centrada na escrita, um novo fenômeno se configura: não basta aprender a ler e a escrever, é preciso incorporar a escrita.

Há uma distinção bastante nítida entre a apropriação da escrita e da leitura (a alfabetização) a partir do código escrito e os usos/funções da escrita e da leitura enquanto práticas sociais mais amplas (o letramento).

A alfabetização pode se dar, como de fato ocorreu historicamente, à margem da instituição escolar e compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever, de dominar o código escrito e as normas formais da escrita. À prática formal e institucional de ensino da leitura e da escrita, que visa a uma formação integral do indivíduo, denomina-se escolarização.

No entanto, estudiosos do letramento como Kleiman (1995), Soares (1998) e Ribeiro (1999; 2001) mostram que a condição para a inserção social e cultural do indivíduo não é apenas a alfabetização, mas, principalmente, as práticas sociais da escrita no cotidiano. Isso implica dizer que não basta estar em contato com a escrita; é preciso que ela tenha significados e exerça diferentes funções sociais.

Segundo Soares (1998) e Ribeiro (1999), o contato cotidiano com a escrita contribui para a inserção social e também para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, mas é a natureza e o efeito das práticas da escrita no cotidiano que tornam o indivíduo letrado e inserido no contexto social.

Na concepção de Soares (1998), tornar-se letrado produz conseqüências sócio-culturais, já que o indivíduo passa a ter, gradualmente, uma nova condição social e cultural, um novo modo de viver na sociedade e de se inserir na cultura (o que não implica, necessariamente, em mudar o nível sócio-econômico). O letramento pode trazer conseqüências cognitivas, pois a pessoa letrada pode desenvolver formas de pensamento mais elaboradas, diferentes da pessoa não letrada ou da não alfabetizada; e também conseqüências lingüísticas, uma vez que o convívio com a língua escrita influencia o uso da língua oral, as estruturas lingüísticas e o vocabulário.

Esta concepção de letramento é complementada por Ribeiro (1999) que entende que o letramento surge nas relações entre a aquisição e o uso da escrita com as mudanças que ocorrem na organização social e cultural, implicando o aprimoramento do funcionamento cognitivo dos indivíduos.

De acordo com Soares (1998) e Ribeiro (1999; 2001), o letramento pode ser compreendido sob duas dimensões: a *individual* e a *social*.

Na *dimensão individual*, o letramento é interpretado como um atributo pessoal, ou seja, a posse de habilidades individuais de leitura e de escrita. Considera a necessidade do domínio de habilidades e conhecimentos lingüísticos e psicológicos para a leitura, incluindo a decodificação de símbolos escritos e sonoros e o processo de construção da interpretação e da compreensão de textos escritos. Na escrita, também há necessidade do domínio de algumas habilidades e conhecimentos para que o indivíduo estabeleça relação entre atividades sonoras e símbo-

los escritos, além de comunicar-se com o leitor através do processo de expressão de idéias e de organização do pensamento sob a forma escrita.

Na *dimensão social*, o letramento é entendido como um fenômeno cultural, referente a um conjunto de atividades sociais que demandam o uso da escrita. Segundo Soares (1998), as práticas sociais da escrita podem estar presentes na perspectiva da adaptação do indivíduo às condições sociais de forma que ele funcione adequadamente no contexto social ou na perspectiva da transformação das relações sociais a partir das práticas de escrita socialmente construídas.

Assim, pode-se considerar que a aquisição da escrita envolve tanto as habilidades cognitivas do indivíduo quanto o contexto sócio-cultural no qual ele está inserido, que exige os diferentes usos da escrita no cotidiano.

Considerando a escrita um evento essencial no cotidiano de uma sociedade letrada, o presente estudo teve como objetivo descrever e analisar as práticas de letramento relacionadas à escrita de jovens alunos da 3ª série do Ensino Médio.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 30 alunos da 3ª série do Ensino Médio de uma escola urbana da rede estadual de ensino, situada em Campinas - SP. Todos os participantes (100%; F=30) eram solteiros, sendo 56,7% (F=17) do sexo feminino e 43,3% (F=13) do sexo masculino. A idade variou entre 16 e 21 anos, sendo 17 anos a idade média. A maioria dos jovens (90,0%; F=27) era pertencente ao nível sócio-econômico médio, conforme classificação adotada pela Unicamp (2000), de acordo com a ocupação profissional dos pais.

INSTRUMENTO

Foi utilizado para a coleta dos dados um questionário cujo objetivo foi identificar as práticas de letramento, particularmente da escrita, presentes no cotidiano dos jovens. Neste questionário, foram apresentadas 15 práticas de letramento relacionadas à escrita para que o sujeito indicasse a frequência de escrita destas práticas em seu cotidiano, de acordo com as categorias: a) escrevo sempre, por curiosidade, tenho o hábito de escrever; b) escrevo eventualmente, quando é necessário escrever; c) escrevo por obrigação, quando sou cobrado; d) não escrevo. Também foi realizada uma entrevista que teve como objetivo complementar os dados obtidos através do questionário.

PROCEDIMENTOS

O questionário foi aplicado coletivamente, com acompanhamento da pesquisadora. Para cada prática de letramento indicada no instrumento, o sujeito deveria assinalar apenas uma categoria. Após a coleta de dados, as respostas foram descritas em frequência (F) e porcentagem (%) e analisadas de acordo com a prova estatística do Qui-Quadrado, considerando as variáveis gênero, ocupação profissional e nível sócio-econômico. A entrevista foi realizada individualmente, sendo que cada uma foi gravada e, posteriormente, transcrita. As respostas dos sujeitos foram agrupadas de acordo com a proximidade do conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escrever um texto é uma prática bastante presente no cotidiano de uma sociedade letrada, mas que nem sempre é considerada uma prática prazerosa; pode ser vista apenas como uma obrigação. De acordo com os sujeitos, 53,3% (F=16) deles afirmaram que gostam de escrever, sentem prazer em escrever um texto, principalmente cartas, bilhetes e anotações em agenda e 46,7% (F=14) afirmaram que não gostam de escrever qualquer tipo de texto. Embora alguns sujeitos tenham afirmado que não gostam de escrever, todos (100%; F=30) reconhecem a importância da escrita para sua inserção social e cultural.

O fato de o sujeito gostar ou não de escrever pode estar relacionado à concepção de texto escrito que ele possui. Essa concepção, muitas vezes, está relacionada com a formação acadêmica dos sujeitos, baseada em atividades metalingüísticas, ou seja, “relacionadas a um tipo de análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos lingüísticos” (MEC, 1997; p.38), sem que haja uma reflexão sobre a escrita. Porém, para o indivíduo inserir-se social e culturalmente, ele precisa desenvolver a capacidade de refletir sobre os usos da escrita no cotidiano e, assim, ser capaz de produzir e interpretar textos de diferentes naturezas, ou seja, precisa desenvolver a capacidade epilingüística.

No entanto, parece que os jovens da amostra não possuem a prática de redigir textos mais elaborados no cotidiano, embora escrevam diferentes tipos de texto. Destaca-se que entre as 15 práticas de letramento relacionadas à escrita, apresentadas no questionário, foram indicados pelos sujeitos como textos escritos mais freqüentemente, na categoria A, as anotações em agenda (43,3%; F=13) e a elaboração de cartas (40,0%; F=12). Na categoria B, foi citada a escrita de cartas (40,0%; F=12), diários (30,0%; F=9) e formulários (30,0%; F=9) como textos mais escritos por necessidade; na categoria C, foram apontadas instruções (30,0%; F=9), textos técnicos (26,7%; F=8) e relatórios (23,3%; F=7) como textos escritos apenas quando os sujeitos são cobrados por alguém. Destaca-se aqui que, de acordo com a categoria D, algumas práticas de letramento que envolvem a escrita, como preencher

cheques (60,0%; F=18), elaborar textos técnicos (60,0%; F=18) e escrever telegramas (63,3%; F=19), receitas culinárias (63,3%; F=19) e ofícios (66,7%; F=20) estão pouco presentes no cotidiano desses jovens que responderam o questionário, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Frequência e porcentagem de respostas em relação a cada prática de letramento, relacionadas à escrita, de acordo com as categorias A, B, C, D



Número de sujeitos: 30

Legenda: A = escrevo sempre, por curiosidade, tenho o hábito de escrever
B = escrevo eventualmente, quando é necessário escrever
C = escrevo por obrigação, quando sou cobrado
D = não escrevo

De acordo com a análise estatística, pode-se observar que há diferença significativa entre gêneros com relação à escrita de diário ($\chi^2=9,666$; $p=0,008$), lista de compras ($\chi^2=12,152$; $p=0,07$), instruções ($\chi^2=7,741$; $p=0,05$), receitas culinárias ($\chi^2=13,282$; $p=0,04$), bilhetes ($\chi^2=7,990$; $p=0,04$) e telegramas ($\chi^2=8,602$; $p=0,03$).

A distribuição de respostas mostra que, com relação à escrita de telegramas, 46,2% dos jovens do sexo masculino possuem essa prática de letramento, sendo que a escrita ocorre, predominantemente, quando é cobrado (30,8%) e também quando é necessário (7,7%) ou por curiosidade (7,7%). Já em relação ao sexo feminino, 29,4% dos jovens apresentam essa prática apenas quando é necessário.

Quanto à escrita de bilhetes, 76,9% dos jovens do sexo masculino apresentam essa prática, sendo que a maioria (46,2%) escreve bilhetes somente quando é cobrado. Para 23,1% dos sujeitos, a escrita ocorre quando é necessário e para 7,7% ocorre devido ao hábito de escrever. A maioria dos jovens do sexo feminino também apresentam essa prática de letramento no cotidiano (64,7%): 35,3% escrevem por ter o hábito de escrevê-los e 29,4% escrevem quando é necessário.

De acordo com os sujeitos, escrever bilhetes é uma prática ligada, principalmente, às situações familiares e de trabalho. Nessas situações, os bilhetes se constituem como uma importante forma de comunicação e predomina a leitura para satisfazer a curiosidade pessoal.

Escrever instruções é uma prática também bastante presente no cotidiano dos jovens do sexo masculino: 61,5% dos jovens possuem essa prática, embora a maioria (53,8%) escreva quando é cobrada e 7,7% escrevem quando é necessário. Para 52,9% dos jovens do sexo feminino, essa prática ocorre, predominantemente, quando é necessário (29,4%), embora ocorra também quando são cobradas (11,8%) ou por terem esse hábito (11,8%). Ressalta-se que tanto homens quanto mulheres compreendem instruções como "dar ordens", o que ocorre principalmente nas situações de trabalho.

Vale destacar aqui que, em ambos os gêneros, a escrita de telegramas, bilhetes e instruções está presente no cotidiano. Porém, há uma predominância no sexo masculino, independente das práticas de letramento exigidas em casa, na escola ou na atividade profissional.

Outro aspecto que deve ser destacado refere-se às práticas de escrever receitas culinárias, diário e lista de compras: são práticas, predominantemente, do sexo feminino que podem estar relacionadas às práticas culturalmente delegadas ao papel social da mulher.

Para 64,7% dos jovens do sexo feminino, escrever receitas culinárias é uma prática de letramento que ocorre sempre por terem esse hábito (29,4%), quando é

necessário (23,5%) ou quando são cobradas (11,8%). Ao passo que os jovens do sexo masculino não demonstram essa prática no cotidiano (100,0%).

Escrever diário é uma prática presente no cotidiano de 70,6% dos jovens do sexo feminino, que escrevem quando sentem necessidade (41,2%) ou por terem esse hábito de escrita (29,4%). Já entre os jovens do sexo masculino que apresentam essa prática (15,4%), todos escrevem diário quando sentem necessidade. Vale ressaltar que a maioria dos jovens do sexo masculino não realiza essa prática de letramento (84,6%).

Quanto à escrita de lista de compras, 82,4% dos jovens do sexo feminino mostram possuir essa prática no cotidiano, sendo que 41,2% têm o hábito, 23,5% escrevem quando são cobrados e 17,6% escrevem quando é necessário. Entre os jovens do sexo masculino que escrevem lista de compras (23,1%), 15,4% escrevem quando é necessário e 7,7% possuem esse hábito. Porém, a maioria dos jovens do sexo masculino não realiza essa prática (76,9%), o que reforça a idéia de serem práticas predominantemente do sexo feminino, determinadas historicamente em nossa sociedade.

As diferenças entre as práticas de letramento relacionadas com a escrita de textos técnicos ($\chi^2=8,529$; $p=0,03$) e instruções ($\chi^2=8,138$; $p=0,04$) são estatisticamente significantes entre os sujeitos que trabalham e os que não trabalham. A distribuição de respostas mostra que 73,7% dos jovens que trabalham não escrevem textos técnicos e 36,4% dos jovens que não trabalham também não escrevem. Entre os jovens que trabalham e escrevem textos técnicos (26,3%), 15,8% escrevem quando são cobrados e 10,5% escrevem somente quando é necessário. Já entre os jovens que não trabalham e possuem essa prática de letramento (63,6%), 45,5% escrevem quando são cobrados e 18,2% escrevem por curiosidade pessoal.

É interessante notar que, de acordo com os dados, os jovens que não trabalham escrevem mais freqüentemente textos técnicos do que os jovens que trabalham. Isso pode ser mais bem compreendido se forem considerados os textos acadêmicos que eles elaboram como textos técnicos, como afirmaram os jovens durante as entrevistas.

Com relação à escrita de instruções, entre os jovens que trabalham, 42,1% deles não escrevem e 31,6% escrevem quando é necessário. Já entre os jovens que não trabalham, 54,5% deles escrevem quando é necessário e 45,5% não possuem essa prática.

Quanto aos diferentes níveis sócio-econômicos, não foram verificadas diferenças significativas entre essas práticas de letramento.

Embora a escrita de cartas não tenha apresentado diferença estatisticamente significativa, Camargo (2000) destaca que escrever cartas é uma prática cultural que se revela no ato de escrever do adolescente, principalmente sobre a vivência escolar. A carta pode ser vista como "... uma prática cultural pelas marcas, gestos, atitudes que os sujeitos nelas imprimem e deixam impressas, configurada a partir de competências, modelos, códigos, interesses socialmente construídos, revelada

nos modos singulares de apropriação e expressão..." (p. 140).

Além das cartas, merecem destaque as anotações em agenda. Anotar diferentes recados, consultas médicas, mensagens de amigos, datas de provas e de entrega de trabalhos escolares são práticas muito presentes na vida de 73,3% (F=22) dos jovens da amostra. Segundo eles, as anotações têm como função lembrá-los dos compromissos cotidianos. É interessante ressaltar que esta parece não ser considerada uma prática de letramento exclusivamente escolar, pois os sujeitos referem-se aos compromissos escolares e também aos compromissos sociais, tanto para anotar quanto para ler recados ou outras anotações.

A predominância de algumas práticas de letramento pode estar relacionada aos usos sociais da escrita no cotidiano que, muitas vezes, exigem a redação de textos mais simples.

É fato que redigir um texto nem sempre é uma tarefa fácil, pois a escrita exige uma linguagem completa, elaborada e planejada, com idéias explícitas, em que predominam frases complexas e o emprego de regras gramaticais e ortográficas, diferentemente da fala (Kock, 1998).

A dificuldade na redação de um texto pode estar associada à forma de comunicação entre os jovens, que ocorre cotidianamente através de textos curtos e em forma de códigos e abreviações. A linguagem escrita entre eles, principalmente via Internet, tem se caracterizado como um discurso híbrido por mesclar o estilo oral com o escrito, o que pode contribuir para a dificuldade que esses jovens encontram para redigir textos mais elaborados. Isto está ocorrendo devido ao fato de os internautas criarem, a cada dia, novos recursos gráficos convencionais e até mesmo símbolos icônicos, numa tentativa de simplificar, nos *bate-papos*, os recursos lingüísticos da fala. Essas são as condições emergentes de usos sociais da escrita encontradas atualmente no cotidiano, que parecem estar modificando o padrão social da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se que estes dados são referentes a um estudo mais amplo sobre as práticas de letramento de jovens que freqüentam o Ensino Médio, envolvendo a oralidade, a leitura e a escrita. Porém, julgou-se importante destacar as práticas de escrita apresentadas pelos jovens por serem práticas pouco percebidas no cotidiano deles: eles enfatizam mais a leitura devido às cobranças sociais.

Ressalta-se que esta amostra representa uma pequena parcela de jovens brasileiros que freqüentam o Ensino Médio. Para poder generalizar as informações obtidas nesta amostra, seria necessário realizar estudos mais amplos, que envolvessem outras amostras e diferentes realidades do Ensino Médio.

Outro ponto que merece destaque refere-se à metodologia. A coleta de dados pode ter restringido as práticas de letramento dos sujeitos, presentes no cotidiano.

Seria interessante realizar outras entrevistas com os sujeitos a fim de investigar melhor os dados coletados.

Apesar das limitações, o presente trabalho parece ter contribuído com uma reflexão sobre as práticas de escrita de jovens que freqüentam o Ensino Médio que, aliada a novos estudos, possibilitará a construção de uma concepção de letramento cada vez mais pautada na realidade brasileira, considerando as práticas de ler, escrever e falar presentes no universo dos jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, M.R.R.M. *Cartas e escrita*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.

KLEIMAN, A.B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In A.B.Kleiman (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p.15-64.

KOCK, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1998.

MEC - Ministério da Educação *PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais- Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 1997.

RIBEIRO, V.M.M. *Alfabetismo e atitudes*. Campinas: Papirus. Ação Educativa, 1999.

_____. A promoção do alfabetismo em programas de educação de jovens e adultos. In V.M.Ribeiro (Org.) *Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.45-64.

SOARES, M.B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TFOUNI, L.V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.